



Apresentação

Trabalho, diferenças e desigualdades

Tatiele Pereira de Souza

Professora Doutora do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Pernambuco, Belo Jardim, Pernambuco, Brasil
tatieleufg@gmail.com

Andrea Delfino

Professora Doutora da Universidad Nacional del Litoral e da
Universidad Nacional de Rosario, Santa Fe, Argentina
andelfino@yahoo.com.ar

Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas

Professora Doutora do Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia de Goiás, Aparecida de Goiânia, Goiás, Brasil
jaquevilasboas@gmail.com

O trabalho configura-se como uma importante categoria no campo das ciências sociais para a análise e compreensão da sociedade. Apesar de ter sofrido críticas e ter sua centralidade questionada, sobretudo na segunda metade do século XX (Offe, 1989), os estudos e pesquisas sociológicas, na contramão dessa vertente, têm revelado um conjunto de mudanças na organização, no processo e nas relações de trabalho que reafirmam a centralidade dessa categoria para a análise social. Tais transformações têm exigido compreender o trabalho a partir de uma perspectiva ampla, que ultrapassa a concepção do trabalho no mercado e do emprego formal construída durante determinadas etapas do capitalismo, bem como demanda a compreensão dos efeitos de tais mudanças na constituição da subjetividade, da identidade pessoal e social dos indivíduos (Dubar, 2006; Dejours, 1997). Essa perspectiva ampliada também pode ser observada na importância de se analisar as relações de trabalho de modo articulado a outras categorias.

Os estudos de gênero lançaram luz sobre a diversidade da classe trabalhadora, revelando o sistema de poder que orienta a posição de homens e mulheres no mundo do

trabalho e reconstruindo a categoria trabalho, que passa a ser tratada não apenas como atividade econômica, mas como toda atividade relacionada à produção do viver. Essa mudança de enfoque permitiu evidenciar o papel sistêmico que o trabalho doméstico e o cuidado não remunerado têm na reprodução da força de trabalho e como a distribuição desigual dessas tarefas gera desigualdades no mercado de trabalho.

Revela-se, assim, outras formas de trabalho, como o trabalho doméstico, não assalariado, para o autoconsumo, informal, não remunerado, que, em grande medida, é desempenhado pelas mulheres (Hirata; Zarifian, 2003). Os estudos no campo das relações raciais, da interseccionalidade e da diferença apontam para a ampliação do debate, em que raça, geração, classe, nacionalidade orientam, em grande medida, o modo como homens e mulheres ocupam o mercado de trabalho e se posicionam na estrutura econômica (Brah, 2006; Crenshaw, 2002; Davis, 2016). Desse modo, se as relações de gênero revelam determinadas estruturas hierárquicas, as relações raciais e outras vão conformando as identidades dos grupos que ocupam determinados espaços ou que são excluídos destes.

É essa perspectiva, plural e multidimensional, que orientou a constituição desse dossiê a fim de construir um quadro que ilumine as tramas específicas marcadas por desigualdades de gênero, raciais, geracionais e outras que se acentuam e se articulam de formas diferenciadas a depender da ocupação ou profissão a ser analisada e dos países e regiões em que as pesquisas são desenvolvidas. Recebemos dezenas de artigos, nacionais e internacionais, o que demonstra a proeminência de tais estudos no campo das relações de trabalho. Os artigos selecionados têm em comum a preocupação em articular uma ou mais categorias de análise para compreender as relações de trabalho, seja na contemporaneidade, seja numa perspectiva histórica em consonância com outras relações sociais que orientam as práticas sociais, os modos de experienciar e vivenciar o mundo.

O artigo de Sabrina A. Ferraris tece, por uma via de entrecruzamento de *tempo histórico e tempo biográfico*, a trama que orienta a constituição da trajetória de mulheres que ingressaram no mercado de trabalho, em Buenos Aires, em gerações distintas: 1940 a 1979. Ao empregar a perspectiva teórica e metodológica de “curso de vida”, o trabalho coloca em evidência as desigualdades de gênero e a questão geracional, por meio do emprego de métodos e técnicas de coleta e análise de dados qualitativos e quantitativos. A partir da relação entre o contexto histórico, cultural e temporal configura-se uma análise consubstanciada sobre as trajetórias de ingresso das mulheres no mercado de trabalho, os problemas enfrentados, os modos de articular ou não trabalho remunerado e trabalho destinado à produção do viver e os impactos das políticas que desconsideram as diferenças e a diversidade de gênero no mercado de trabalho.

O artigo de Luisina Logiodice e Corina Rodríguez Enríquez apresenta uma interessante reflexão sobre as diferentes formas em que as tarefas de cuidado são organizadas socialmente e, problematizando a dimensão de gênero, demonstram como os homens e mulheres se envolvem de maneiras diferentes e desiguais com esse tipo de trabalho na Argentina. A partir da compreensão de que o cuidado não deve ser visto isoladamente, mas sim em uma perspectiva social mais ampla, as autoras problematizam as tarefas de cuidado organizadas

a partir das cooperativas de trabalho. Além disso, ressaltam as especificidades do trabalho cooperativo no contexto de discussão sobre regulação do trabalho e proteção social.

O artigo de Julián Ortega apresenta um estudo qualitativo que discute, a partir da categoria gênero, os fatores de risco psicossocial no trabalho de enfermagem em Buenos Aires tendo como ponto de partida as noções de feminização e precarização da força de trabalho. Ao longo da reflexão o autor apresenta elementos que demonstram que as mulheres experimentam uma superposição de tarefas quando se considera o trabalho que desempenham em seu cotidiano familiar e profissional. Tal realidade associada aos baixos salários e às longas jornadas colocam essas mulheres em situação de risco psicossocial. Além disso, o autor problematiza a importância do envolvimento do Estado e demais instituições na melhoria das condições de trabalho e salário para o setor.

Lilian Silva do Amaral Suzuki, ao analisar as trajetórias ocupacionais dos trabalhadores migrantes inseridos no mercado de trabalho formal no Brasil, numa perspectiva sociológica, reflete sobre o vínculo entre trabalho e raça. O trabalho revela que apenas um pequeno grupo de imigrantes pode ser inserido nas ocupações no ápice das cadeias produtivas, enquanto a grande maioria é inserida em empregos localizados na base da hierarquia produtiva.

Por seu turno, o trabalho de Ariela Micha e Francisca Pereyra traz uma reflexão central: a do trabalho como um núcleo duro de desigualdades de gênero. Com uma metodologia que combina técnicas quantitativas e qualitativas, as autoras investigam as formas de inserção laboral de mulheres de setores populares na Argentina, mostrando que são as mulheres de baixa renda que apresentam os níveis de inserção mais baixos, com condições laborais mais precárias e horizontes ocupacionais limitados.

Trazendo um tema ainda pouco estudado nas pesquisas no campo do trabalho, Silvana Marinho e Guilherme Silva de Almeida, empreendem uma análise que articula diversidade de gênero, juventude e a nova morfologia do trabalho. Dirigem seus olhares para a compreensão da identidade trans e o modo como essas pessoas inserem-se no mundo do trabalho. A teoria feminista e crítico-dialética e a metodologia qualitativa com ênfase em entrevistas semiestruturadas e observação participante orientam a pesquisa. A reflexão teórica e a pesquisa empírica informam uma realidade na qual a transfobia e as relações de trabalho erigidas com base no patriarcalismo constroem experiências de trabalho tangenciadas pelo medo, pela exclusão, pela ansiedade, pelas dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal, e por formas de apropriação e exploração dos corpos trans, numa dinâmica em que se acentua a vivência do trabalho pela via da informalidade, precarização e exclusão do mercado de trabalho.

Nanah Sanches Vieira e Tânia Mara Campos de Almeida analisam o trabalho doméstico no Brasil, especificamente, o de babá na cidade de Brasília-DF. A reflexão teórica orientada pelos estudos interseccionais e pela pesquisa qualitativa baseada em entrevistas em profundidade, tecem uma análise acurada envolvendo a opressão de gênero, de classe e raça. Evidencia-se a historicidade do trabalho das babás e suas raízes no processo de escravidão no Brasil, as múltiplas formas de opressão inscritas nos corpos das

trabalhadoras e, por fim, o trabalho na contemporaneidade entrecortado pelas lutas das empregadas domésticas, conquistas de direitos e as ameaças atuais tecidas com o avanço das políticas neoliberais no Brasil.

Jorge A. Paz atualiza dados sobre a diferença salarial por gênero na Argentina e analisa as disparidades salariais entre pessoas casadas e solteiras. A metodologia quantitativa e a utilização do método Oaxaca-Blinder é utilizada para mensurar os diferenciais de gênero. O estudo inova ao apresentar uma análise quantitativa indicando como a situação conjugal exerce influência nas disparidades de gênero e orienta a inserção de mulheres casadas em formas flexíveis de trabalho.

Por fim, fazendo uso também da metodologia quantitativa através dos métodos de Oaxaca-Blinder e Jun, Murphy e Pierson, o artigo de Jordão Horta Nunes e Neville Julio de Vilasboas e Santos explora a desigualdade racial entre os quadros superiores e dirigentes no Brasil. O estudo mostra claramente que a remuneração entre brancos e negros se torna progressivamente mais desigual favorecendo os brancos quando comparam-se negros e brancos nos pontos mais altos da escala salarial.

A configuração dos artigos aqui apresentados revela a multiplicidade de relações que se articulam à categoria trabalho e que evidenciam um quadro amplo de relações de poder que marcam corpos, trajetórias, gerações e posições ocupadas ou não na estrutura social. Espera-se que a ampla diversidade metodológica, teórica e de temas de pesquisa contribuam para a construção de reflexões que considerem a multiplicidade de relações que marcam os estudos no campo das relações de trabalho.

Referências

- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 239-276, jan./ jun. 2006.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, 172, 1º semestre, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1997.
- DUBAR, Claude. *A crise das identidades. A interpretação de uma mutação*. Porto: Afrontamento, 2006.
- _____. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. O conceito de trabalho. In: TEIXEIRA, Marilane; EMÍLIO, Marli; NOBRE Miriam; GODINHO, Tatau (Org.). *Trabalho e cidadania ativa para as Mulheres*. São Paulo: Coordenadoria especial da mulher, 2003.
- OFFE, Claus. Trabalho: a categoria sociológica chave? In: _____. *Capitalismo desorganizado: transformações contemporâneas do trabalho e da política*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 167-198.